

Manaus, quarta-feira, 13 de março de 2002

a crítica BRASIL 99

ORIENTADOS POR EMPRESÁRIOS

Índios exigem liberação do mogno

Jamil Bittar/Reuters - 25/set/2001

FINANCIADO POR EMPRESÁRIOS, UM GRUPO DE CAIAPÓS FOI PARA BRASÍLIA PEDIR LIBERAÇÃO DA MADEIRA, MAS O IBAMA NEGOU

CARLOS MENDES
 AGÊNCIA ESTADO

BELÉM - Cerca de cem índios, que formam as principais lideranças da nação caiapó no sul do Pará, estão exigindo do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) a liberação de 30 mil metros cúbicos de mogno extraídos nos últimos meses de suas terras por empresas madeireiras. Toda essa madeira está avaliada em mais de R\$ 70 milhões.

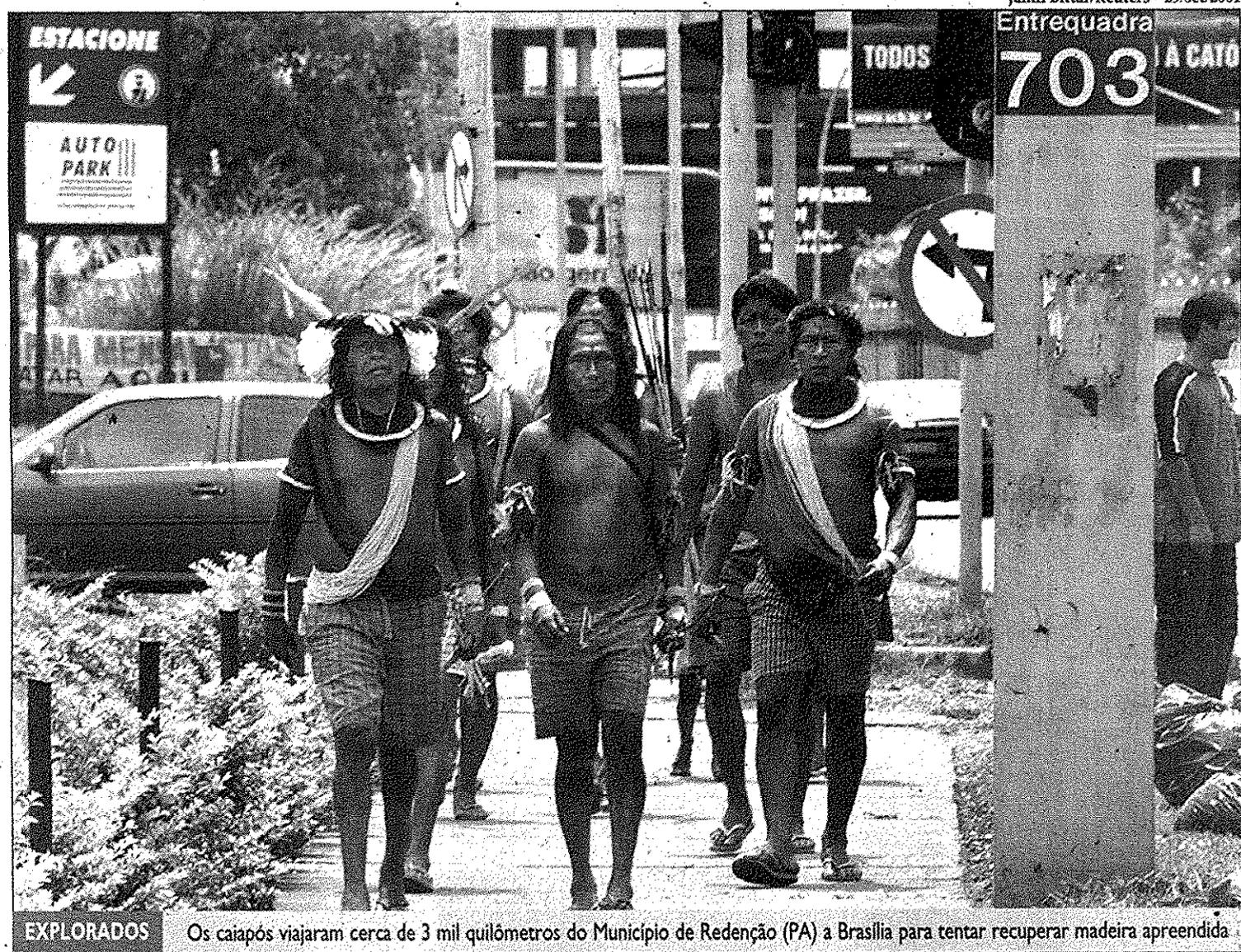
Apreendido por fiscais do Ibama, o mogno está empilhado dentro das reservas caiapós tendo a Fundação Nacional do Índio (Funai) como fiel depositária. Os índios criticam portaria do Ibama, assinada em outubro do ano passado, proibindo extração, transporte e comercialização de mogno. E afirmam que estão passando fome e sem dinheiro para comprar comida, roupas e remédios para a tribo.

Para cobrar uma posição do Ibama, os índios fretaram dois ônibus e viajaram cerca de 3 mil quilômetros de Redenção, no sul do Pará, até Brasília. A viagem teria sido patrocinada por madeireiros da região interessados na retomada da venda de mogno para empresas da Europa e Estados Unidos.

Em Brasília, os caiapós estiveram reunidos com o presidente do Ibama, Hamilton Casara, e com a gerente-executiva do órgão no Pará, Selma Melgaço. Os dois ouviram as queixas dos índios, mas foram taxativos: não irão liberar o mogno estocado nas reservas porque se trata de espécie derrubada ilegalmente ou com falsos planos de manejo do Ibama.

Os caiapós agora ameaçam tomar atitudes drásticas para fazer valer o que consideram seus "direitos". Eles chegaram a dizer que eram donos da terra, da natureza e da vontade de fechar negócios com os madeireiros para garantir a sobrevivência de seu povo.

No começo da tarde de ontem, mais calmos, eles direcionaram o foco de suas reivindicações para uma fiscalização conjunta entre Ibama e Funai sobre a exploração de madeira em suas terras, caça e pesca. "Nós faremos o que eles estão pedindo, mas desde que ocorra dentro de um programa cuja participação não seja apenas do Ibama e da Funai, mas prin-



EXPLORADOS Os caiapós viajaram cerca de 3 mil quilômetros do Município de Redenção (PA) a Brasília para tentar recuperar madeira apreendida

cipalmente dos próprios caciques caiapós", explicou Selma Melgaço à reportagem.

Hoje, o comércio ilegal de mogno é um excelente negócio, mas apenas para as empre-

sas madeireiras. Para cada tora retirada da terra caiapó, o madeireiro paga R\$ 50 ao índio

e vende a mesma tora por US\$ 600, cerca de R\$ 1,4 mil, no mercado internacional.